

## **Momento do Formador, Revisitando a Própria História**

Sandra Fedullo Colombo

Angela Baiocchi

### **Resumo**

*Este trabalho descreve um workshop realizado com formadores em terapia familiar vivenciado no Encontro de Formadores da ABRATEF, em outubro de 2013, em Goiânia. Relata a experiência de um momento de recriação coletiva que pretendeu narrar a trajetória da terapia familiar brasileira. Os participantes, representando os formadores de diferentes regionais da Associação Brasileira de Terapia Familiar contaram por meio de suas histórias pessoais, uma rica narrativa que traduz nossa diversidade cultural e científica. Este momento possibilitou traduzir suas interseções e ressonâncias do encontro com a Terapia Familiar. A proposta foi como um convite para mergulhar nos significados que cada um construiu no seu caminho pessoal e profissional tendo como pano de fundo o caminho da ABRATEF com suas realizações através da construção sistematizada de uma linha de tempo. O workshop teve cinco movimentos, onde se sucederam momentos de introspecção, narrativas individuais escritas, narrativas em subgrupos, escultura, trabalho com imagens fotografadas, escultura, metáforas, conversas em subgrupos e reflexões em grande assembleia. Concluímos que este workshop demonstra a importância e necessidade do “cuidado” com o terapeuta formador a partir da construção de espaços acolhedores e respeitosos que autorizam conversas e vivências férteis que possam alimentar o caminho simultâneo da individualidade com o pertencimento. Pensando ser essa situação relacional a que mais contribui para nossa humanidade, nosso trabalho oferece portas para esse caminho.*

**Palavras-chave:** *pertencimento; interseções; ressonâncias; herança.*

### **Trainer's Moment, Revisiting His Own Story**

### **Abstract**

*This workshop for trainers in family therapy at the ABRATEF's Meeting of*

*Trainers, held in September 2013, in Goiânia. It recounts the experience of a moment of collective recreation that intended to narrate the trajectory of the Brazilian Family Therapy. The participants, representing the trainers of different regions of the Brazilian Association of Family Therapy - ABRATEF told through their personal stories, a rich narrative that reflects our cultural and scientific diversity. This moment allowed them to translate their intersections and resonances of the encounter with Family Therapy. The proposal was as an invitation to dive into the meanings that each one has built up on your personal and professional path having as background of the path of ABRATEF with their achievements through the systematic construction of a time line. The workshop had five movements, where there were successive moments of introspection, individual written narratives, narratives in sub-groups, sculpture, work with photographed images, metaphors, conversations in sub-groups and reflections in a large assembly. We conclude that this workshop demonstrates the importance and necessity of "caution" from the therapist trainer in the construction of welcoming and respectful spaces that authorize fertile conversations and experiences which may feed the simultaneous path of individuality with belonging. Thinking that this is the relational situation that contributes more to our humanity, our work provides doors for this path.*

**Keywords:** *belongin; intersections; resonances; inheritance.*

### **O nascimento deste trabalho**

Tudo começou a partir de um convite para o Encontro de Formadores na ATFAGO, Associação de Terapia Familiar de Goiás. A colega Angela Baiocchi atçou-me a imaginação sugerindo o workshop de encerramento do evento, que seria realizado dia 28 de setembro em Goiânia. Eu e Angela temos uma relação de amizade e carinho, um trânsito fácil de ideias, um sentimento de cooperação recíproca que nos facilita realizar juntas o que for necessário.

Assim aconteceu mais uma vez: combinamos que como ela estaria também na parte de organização, eu assumiria a criação e coordenação do trabalho sendo ela minha interlocutora e apoiadora. Perfeita sintonia.

Conversamos sobre nossas preocupações com relação à formação dos terapeutas de família, nossa crença na diversidade e multidisciplinaridade, nossa compreensão de que é importante para a Terapia Familiar conversar com profissionais que trabalham com famílias em contextos que não são clínicos, nossa crença de que a Terapia Familiar não seja território único de nenhuma

profissão reconhecida na graduação. Nosso desejo era de que nos juntássemos, com nossas diversidades, e nos preparássemos profundamente através de nossas interseções, para fecundar o campo da Terapia Familiar com nossos diferentes saberes.

Senti Angela como porta voz da ATFAGO, cofundadora e colaboradora de nossa regional caçula, nascida em 2012, trazendo uma mensagem de união de todas as forças em direção ao fortalecimento de nosso pertencimento à Terapia Familiar! Que acolhêssemos as diferenças, que encontrássemos um continente de respeito e compreensão e que fossemos criativos com relação às respostas que o momento atual histórico pedia aos terapeutas familiares!

O espírito de congregação, cooperação e horizontalidade norteou nossas reflexões e me levaram a construir um encontro fundado no convite a uma introspecção individual da própria história com as interseções e ressonâncias no encontro com a Terapia Familiar.

Um convite para mergulhar nos significados que cada um construiu em seu caminho pessoal e profissional na Terapia Familiar.

### **Pano de fundo**

Para esse encontro de histórias o pano de fundo foi a reconstrução da linha do tempo do movimento da Terapia Familiar no Brasil<sup>1</sup>.

Em 2002, após minha gestão como presidente da APTF (1998-2000) quis fortalecer a percepção de nosso caminho histórico e desenhei o que denominei a “linha do tempo” da ABRATEF, onde com dados fornecidos por Solange Rosset, querida colega da APRTF, reconstitui os primórdios do movimento da Terapia Familiar no Brasil. Essa produção resultou em uma apresentação que retratava um percurso linear mostrando o surgimento da ABRATEF e das regionais, com a metáfora das estrelas nascendo, assim como a realização dos cinco primeiros congressos. Nessa ocasião presenteei a ABRATEF, sediada na ARTEF-Bahia com um banner que foi colocado na entrada do V Congresso Brasileiro para que todos nós nos localizássemos nesse movimento histórico.

As conversas com Angela acordaram essas lembranças de pertencimento e filiação e levaram-me a retomar esse desenho, rebatizando a “linha do tempo”

---

<sup>1</sup> Linha do tempo da ABRATEF. Representação Gráfica criada por Sandra Fedullo Colombo em 2002 durante sua gestão como Presidente da Entidade. Nesta representação a história da ABRATEF e de suas regionais é recontada por meio de seus eventos e fatos marcantes. Foi publicada e divulgada pela ABRATEF para todos associados.

como um caminho histórico e atualizando os eventos posteriores a 2006, refletindo o que uma linha temporal deve ser: um caminho que segue adiante, lança e se multiplica.

Meu desejo era que cada um de nós ultrapassasse as discussões que apontavam para as diferenças e com nossa introspecção nos entregássemos ao momento da história quando abraçamos a Terapia Familiar como um diferencial a somar, não a dividir em nossa vida pessoal e profissional.

Como cada um viveu esse momento? Por quais passagens e veredas... caminhou? Por quais caminhos... andou? Todos nós, cada um a sua forma e tempo fez esse movimento!

Pensei em uma vivência onde essas interseções e ressonâncias construiriam um lócus no qual todos nós poderíamos aprofundar raízes: falar dos caminhos individuais que ao se entrecruzarem formavam o grande caminho da Terapia Familiar no Brasil. Nossa atenção estava em nós, terapeutas familiares, que buscávamos um pertencimento maior à Terapia Familiar. O foco do trabalho não se fixou na linha do tempo da Associação, mas sim no percurso de seus atores.

## **Workshop em cinco movimentos**

### **Primeiro movimento**

No primeiro movimento convidamos o grupo a entrar em contato com os fatos históricos desde 1982 quando houve o I Encontro Nacional de Terapia Familiar, realizado em São Paulo na PUC com a coordenação de Mathilde Neder e Clea Pilnik caminhando até o momento atual cujo último evento era o Encontro de Formadores da ATFAGO, no qual estávamos reunidos. Pedimos que se colocassem em sua interseção com a história da Terapia Familiar Brasileira que estava afixada em um desenho na parede, no formato de “linha do tempo” que havia se estendido até 2013.

Um grupo de colegas procurou concretamente verificar no desenho o momento de seu encontro com a Terapia Familiar, outros ficaram ouvindo os eventos que uma de nossas colegas lia para todos se localizarem.

Na sequência pedimos que, ao revisitarem a história, buscassem responder às perguntas:

- Quando você entrou em contato com a Terapia Familiar? Coloque-se no momento em que isso aconteceu... lembre-se de uma cena, de um lugar, das pessoas envolvidas...

- Qual o impacto que você sentiu?
- O que mudou em sua vida profissional a partir desse encontro?
- O que mudou em sua vida pessoal?
- Pensando nesse caminho... quais as crises que você viveu?

A partir dessa reflexão pedimos que escrevessem brevemente sobre esse momento de encontro com a Terapia Familiar.

A primeira parte do trabalho buscava construir um espaço reflexivo, de silêncio, para que as vozes interiores fossem ouvidas, as memórias fossem revisitadas e pudessem ser ressignificadas. Era importante para nós que nossas perguntas favorecessem um espaço reflexivo acolhedor onde todas as histórias individuais recebessem abrigo, fossem validadas e qualificadas.

Não importava qual o caminho cada um havia feito... todos eles estavam nos trazendo para este momento.

Gosto particularmente de convidar os colegas para vivências introspectivas. Iniciar nos espaços vivenciais mais individuais, aqueles espaços íntimos que exigem silêncio para em seguida, contarmos a mesma história através da palavra escrita que leva a novas distinções, pois a escolha das palavras e a releitura nos leva a novas reflexões. Depois, somente depois, ofereceremos essas construções aos outros, nossos pares, para que ao relatarmos, ao sermos ouvidos, novas portas possam ser abertas, novos significados fecundados pela dimensão da presença dos outros que, com suas interseções trazem novas ressonâncias!

## **Segundo movimento**

O movimento seguinte do trabalho enfatizou o partilhar com os colegas dessas experiências acordadas pela introspecção. Formaram-se quatro grupos de mais ou menos 10 a 12 pessoas e a partir dessa troca e escuta foi sugerido que escrevessem uma história única que contemplasse a vivência das múltiplas vozes e que seriam relatadas para todos nós por um colega escolhido por cada grupo.

Por último pedimos que escolhessem a partir dessa vivência um nome para cada grupo.

Emocionante! Os participantes do workshop se mostraram empenhadíssimos em contar suas reflexões e ouvir as histórias de cada um. Relataram grandes descobertas, mudanças da vida, casamentos, separações, nascimentos de filhos, mortes... e principalmente novos jeitos de ver a vida...

Os relatores foram incrivelmente sintônicos e empáticos!

Cada história contada trazia a beleza do encontro daquelas individualidades com a Terapia Familiar e entre si naquele momento.

O relator do grupo que quis ser o primeiro a apresentar suas reflexões foi Sam Cyrous e o título escolhido, *Vivi e Aprendi*.

“Em algum momento entre 1979 e 2004, enquanto eu trilhava o movimento do meu caminho pessoal e profissional, com alguns membros da minha família, comecei a questionar o meu mundo e as relações que nele existiam, cruzei-me com uma formação diferente e vi alguns sinais (às vezes pareciam livros, outras vezes placas na rua, outras vezes eram pessoas que sempre estiveram do meu lado ou que tinham acabado de chegar) que me facilitaram ver a vida de outra forma. E aí ocorreu a acolhida de algo mágico e encantado: nasceu um novo paradigma em mim. Aí... os desafios surgiam: e não sabia como ser pessoa e terapeuta ao mesmo tempo. Quem sou eu? Qual o meu papel na minha família de origem? E no meu lar? Onde estaria o meu cônjuge no meio disto tudo? E como romper os tabus? Liberar os estigmas dentro e fora das instituições e da clínica? E nessa postura de aprendizagem, estou feliz por estar com outros, confortável e estável, busco mais e mais, crio e recrio. Encontrei coerência entre o que fazer e o que ser, melhor: o que sou e o que idealizo e sonho. Aprendi a ser verdadeiro e a me aceitar. Em suma: cresci. Em suma: vivi e aprendi”.

O 2º grupo teve como relatora Claudia Naglis e o título do grupo: *Conquista*.

“Nesta *Conquista* do grupo foram observados ao longo dos anos vários efeitos da Terapia Familiar e sua influência em nossas vidas pessoais e profissionais as quais destacamos algumas a seguir:

Mudança da Psicanálise para a abordagem sistêmica realizada com muito sofrimento como se fosse inviável a fusão das abordagens nos atendimentos e visto como uma deslealdade para com a Psicanálise.

Dificuldade de agregar os fundamentos teóricos na prática clínica, uma vez que isto só se consegue com a prática.

Nós, profissionais continuamos aprendendo, investindo na formação contínua”.

Legado: “Todos os caminhos dão em algum lugar, nós só precisamos seguir a intuição do caminho e ter iniciativa para fazê-lo”.

No 3º grupo a relatora foi Fernanda Andrade Lima e o título do grupo, Terapia Familiar: mulheres que amam o que fazem.

“Tudo começou nas Terras de Piracicaba... Era uma menina estudiosa, mas não sabia direito o que fazer, porém a sua mãe, que não queria que ela caísse do cavalo falou com sua vizinha que disse ter em Campinas um curso muito bom para mulheres: Psicologia! Então trocou as cavalgadas para não cair do cavalo, e foi para São Paulo viver com os ratinhos da biblioteca, pelo menos o risco de um tombo, não era mais o perigo!

As relações com a mãe quase sempre são complicadas e depois também ser mãe de outros filhos vira uma grande trilha... Também complicada. Gestação, adoção, família, grupos, comunidade e sociedade. Depois passa um tempo e a filha amadurece, volta para casa e se surpreende em encontrar aquela velhinha, sua mãe, e descobrir que aprendeu a cuidar com aquela que um dia também vai precisar cuidar!!! E segue a vida... Ser filha, mãe mulher e casar... Aí a maturidade e relação com os homens. O amor pode dar certo! Mas às vezes é preciso trocar de homem, para saber o que é uma boa vida, encontrar uma parceria e sair da opressão, vida oprimida: NÃO! Tem sempre uma saída!

Ser mulher, ter filhos e uma família... Começar com o orçamento doméstico para então trabalhar com terapia familiar. Trabalhar com crianças, adolescentes e famílias foi um impacto de alegria ansiosa, querendo mais sempre, numa constante busca de trabalhar com o outro mudando e se mudando, contando, ouvindo e recontando as histórias de cada um.

O resgate ao mesmo tempo de dores infantis, mas com a recuperação da esperança e vitalidade. Ir mudando e construindo um mundo melhor numa constante reinvenção da vida. Essa relação com o outro sempre nos acompanhou. O legítimo outro... E mais outro... E... muitos outros nessa visão sistêmica, que é muito mais que a soma entre as partes!!!

Na terapia familiar, a visão sistêmica, a física quântica. Não existe verdade absoluta. O movimento de incluir e não excluir. Um encantamento por nós mesmas, pelo movimento de sair da crise para superação, e depois outra crise e mais superação... Maturidade. Sair do Túnel escuro e encontrar a luz. O encantamento de enxergar e sermos iluminadas!!! A experiência pela paz das ratinhas de biblioteca pra sermos mulheres que aprenderam amar demais aquilo que fazem!!!

... Numa caminhada de 92 anos, na comissão internacional do Congresso de Terapia Familiar 2014, para trabalhar por uma sociedade, que acreditamos poder aprender a amar muito mais!!!”

No 4º grupo a relatora foi Fernanda Machado e o título do grupo: Germinação.

“Assim como uma mulher quando decide ter filhos, a terapia familiar veio para o grupo acompanhada de muitas ansiedades, medos, desejos e mudanças”.

O processo de entrega a esse novo projeto aconteceu com batante determinação, dedicação e esperança. E mesmo diante de tanta vontade em conceber coisas novas esse caminho não ficou livre das dúvidas, dificuldades, perdas e desconfianças.

A decisão de gerar novos projetos, de se capacitar, de se valorizar cada vez mais e de aprender foi mágica e surpreendente na história de nosso grupo. Quanta modificação na vida de cada um para conceber essa virtude.

O grupo espera que a terapia familiar continue fecundando amor e respeito em sua história. Espera que esse desejo seja fecundado e gere novos embriões de esperança. Que o amor pela terapia familiar resulte numa vida bela e saudável que seja capaz de encantar o mundo com sua existência!”

### **Algumas reflexões**

Foi interessante observar os diferentes percursos que fecundaram as expressões e criações dos terapeutas de famílias ali presentes: as vivências de transformação descritas pelos quatro grupos representam a Terapia Familiar como um entrelaçamento de novas construções do viver, nutridas por experiências intensas, às vezes críticas ou até mesmo vulneráveis.

Ninguém descreveu o aprendizado da Terapia Familiar, mas sim o impacto na visão de mundo trazido pelo paradigma relacional. Germinar, fecundar, transformar foram palavras repetidas e associadas à coragem e às mudanças, a abraçar coisas novas e a revolucionar o estabelecido. Parece que nossos colegas enfatizaram o fato de ninguém poder continuar o mesmo durante esse encontro perturbador consigo mesmo e os outros, sejam nas relações íntimas ou nas profissionais.

Minha proposta é de que o terapeuta se coloque no lugar de co-construtor



de realidades alternativas e para isso penso que precisa apresentar-se em sua integridade como ser humano, com história, preconceitos experiências e consciência de sua autorreferência, ou seja, com uma posição relativa em seu saber. Neste workshop quando nossos colegas revisitaram seu encontro com a Terapia Familiar e o impacto gerado em sua própria história tiveram a oportunidade de visitar suas crenças e seus desejos e a mergulhar no seu ser profissional descrevendo a si mesmo, e ouvindo dos outros suas distinções numa dança dialógica reflexiva e fertilizadora.

Lembro-me da beleza do artigo de Marisa Japur (2007) quando enfatiza que no Construcionismo Social o outro não é considerado uma experiência exterior, mas co-autor na construção de nós mesmos.

Acredito, como escrevi no artigo O papel do terapeuta em terapia familiar (Colombo, 2009) que nos constituímos na relação interpessoal, mediados pela linguagem, sempre em processo de vir a ser com o outro, dentro de narrativas dinâmicas, construídas e reconstruídas através do caminhar pela vida nas conversações das quais participamos.

Talvez por isso falou-se tanto de fecundação, pois me parece que ao se dar lugar a um nascimento, antes precisamos dar espaço, possibilidade do novo e da participação do outro, assim à desconstrução do estabelecido anterior que rompe e subdivide. Penso que podemos chamar esse caminho de fertilidade. Em analogia ao processo mais elementar da transformação da vida: a semente desprende do fruto, se liga à terra e seus elementos recebem da luz, da terra, do ar e da água, os estímulos vitais que a tornam nova árvore para novos frutos.

## **Mais um passo em nosso caminho**

### **Terceiro movimento**

O próximo movimento do trabalho foi um convite novamente individual para que abrissemos nossas mochilas cheias de experiências, esperanças, dificuldades, desejos...

Há mais ou menos vinte anos trabalho com o uso da imagem como uma possibilidade poética de conversar comigo mesma e com os outros. Adoro a condensação e os diferentes níveis de ressonâncias que são estimulados por essa linguagem.

Penso na imagem como narrativa e acredito como Manguel (2000) que ao contemplá-la cria-se um espaço mágico onde a tensão entre nós e o objeto

contemplado abre um canal de intimidade imediata. Histórias são despertadas e memórias profundas são acolhidas. O artista, o objeto e o observador escrevem ali uma história de encontro. A imagem passa a ser um espelho para despertar narrativas sobrepostas de nossa subjetividade (Colombo, 2006).

Pensei ao criar a metáfora do caminho... utilizar as imagens que fotografei em duas viagens, uma nos arredores de Bariloche, outra no Pantanal de Mato Grosso, onde me debrucei em buscas pessoais. Desejei com minha autorreferência oferecer um estímulo para que surgisse a empatia da procura dos caminhos em cada história revisitada. Revisitar e escolher algumas fotos desses ensaios, que fiz há dois e quatro anos respectivamente, aqueceram-me profundamente para esse momento do trabalho em grupo. Era como os círculos concêntricos de um lago... ampliando, ampliando...

Pedimos nessa etapa do trabalho que novamente entrássemos em contacto com nosso silêncio e deixássemos que as imagens projetadas fizessem um convite, deixando que nos penetrassem... Elas nos escolheriam para continuar contando nossas histórias.



Ponte de madeira



Viadutos



Bifurcação



Porteira fechada



Folhas douradas



Obstáculos



Porteira aberta



Túnel



Ciclista





Escadaria de pedra



Tronco cortado



Faixa de segurança



Avenida congestionada

A pergunta reflexiva proposta foi: qual dessas imagens lembra seu caminho pessoal e profissional pela Terapia Familiar?

Gosto de trabalhar com as imagens podendo tocá-las, não só vê-las. A emoção de olhar é uma, a de tocar é, para mim, mais profunda, talvez mais primária! Assim, enquanto Angela passava as imagens<sup>2</sup> eu as distribuía pelo chão no centro do grupo: dezenas de lindas reproduções, para que depois de vê-las projetadas, pudéssemos caminhar entre elas e de novo, sermos escolhidos através de nossas ressonâncias.

Não é uma escolha... é um encontro de histórias!

Cada um pegou sua ou suas imagens e parecíamos um pouco crianças felizes nos movimentando, brincando e nos apoderando do significado de nossas histórias.

Pedi que sentássemos e admirássemos essa foto (ou essas fotos) e contássemos uma história começando com era uma vez... não era necessário escrever, somente contar para si mesmo.

Muito mobilizador esse momento!

Estávamos abrindo portas de nossas vidas através do acordar de memórias. Sempre me encanta testemunhar que não sabemos para onde esses momentos nos levam! Por quais caminhos nossas ressonâncias nos orientarão, quando, sem escolhermos deliberadamente, histórias, depoimentos ou imagens cruzam nosso horizonte e uma interseção entre os caminhos acontece... É no aqui e

---

<sup>2</sup> Imagens fotográficas do acervo pessoal de Sandra Fedullo Colombo. Tamanho A4, impressas em papel fotográfico colorido. Estas imagens traziam predominantemente espaços abertos de locais públicos ou não, na natureza ou no espaço urbano, sempre definidas por intervenção humana.

agora que uma história se atualiza, acorda e abre portas da vida!

Eu que estava oferecendo imagens captadas por mim, sentia-me oferecendo minhas histórias com várias portas abertas para que se encontrassem com outras experiências e ampliassem o sentido de minhas buscas neste momento da vida. Perguntava-me: o que se mexeria dentro de mim, como sairia desse encontro, quais as ampliações possíveis? Que novos caminhos eu construiria a partir desse encontro?

Pensava em Elkaïm (1989) que me ensinou a acreditar que a libertação do terapeuta é fruto da autorização para integrar tudo que o constitui, que pertence a sua história, e assim desenvolver seu ser terapêutico. O encontro de todos os mundos envolvidos através das interseções que originam as ressonâncias permitirá a cada um de nós ter mais contacto com o próprio existir e assim nos oferecermos como instrumento para um encontro ampliador.

Quando o terapeuta está autorizado a percorrer esse caminho e a partir dessas vivências, ampliar seus recursos como ser humano, caminha em seu processo de individuação, ou como diz Safra (1999) no processo de destinar-se, de ser autor de seu destino.

O grupo participou desse momento em um clima profundo e reflexivo. Acredito que as histórias iniciadas com: "... era uma vez", trouxeram memórias e vivências significativas, que tivemos acesso somente pela expressão do rosto e do corpo, e pelo tempo expandido da vivência, e pela presença de algumas lágrimas.

### **Novo passo... ou: escultura Quarto movimento**

Angela e eu temos formação psicodramática e gostamos muito de trabalhar com esculturas como uma linda linguagem narrativa. Queríamos abrir após as imagens a possibilidade do grupo encontrar-se numa construção conjunta.

Angela foi a escolhida para coordenar esse movimento que mobilizou um novo nível de encontro entre os colegas.

Nessa proposta foi solicitado que nos movimentássemos a partir do centro da sala e fôssemos construindo junto aos demais nossa inserção na Terapia Familiar, criando uma escultura que poderia ser holográfica e em movimento. A sensação de encontro e pertencimento concretizou-se naquele momento! Diferentes frases e palavras expressaram afeto e cumplicidade.



A escultura é uma técnica criativa de expressão simbólica e corporal. Neste movimento é possível utilizar diferentes recursos plásticos do grupo para dar significado à linguagem não falada, agregando sentimentos, estética e força à fala dita ou não. É uma atividade projetiva e pulsante de expressão coletiva. Moreno (1978) criador do psicodrama, afirmava que era necessário à saúde do homem moderno torna-se um Criador. Para ele era necessário "... elaborar uma filosofia do criador como um corretivo antimecânico de nossa época..." (p. 78) afirmava que a prática do ato criador, induz o grupo a elevar processos internos ao nível consciente.

A Terapia Familiar Sistêmica e o Psicodrama de Moreno têm fortes confluências teóricas e práticas. O foco nas diferentes formas de comunicação intergrupal e sistêmica, a ênfase na ação e na criação de mudanças como eixos do processo terapêutico aproximam forte e inevitavelmente estas duas escolas. Watzlawick (1993) em sua teoria da comunicação humana e Minuchin (1990) com seu modelo estrutural também asseguram a força dos mecanismos de ação como métodos de incorporação mimética rápida na atividade psicológica humana.

As palavras aconchego e conexão foram muito lembradas.

### **As transmissões para futuras gerações: nossas heranças...**

#### **Quinto movimento**

Nessa etapa do trabalho pedimos que voltássemos para os lugares e com as imagens das fotos em nossas mãos refletíssemos a partir do lugar de formadores de novas gerações da Terapia Familiar. A questão colocada: quais são as duas heranças que cada um de nós gostaria de oferecer para essas gerações futuras de terapeutas familiares?

Foi incrível o movimento do grupo: rapidamente puseram-se a escrever com entusiasmo, e muita inspiração! Parece que estavam esperando essa oportunidade para escrever o seu legado. Alguns tinham escolhido três fotos e escreveram nas três. Outros queriam escrever legados maiores e até poesias.

Todos empenhadíssimos em transmitir seus valores e crenças às novas gerações.

Gosto muito de trabalhar com a metáfora da mochila que carregamos nas costas, com tesouros e histórias difíceis e assim pensei que seria uma imagem interessante para guardar simbolicamente esse legado e fazer chegar às

próximas gerações.

A mochila foi de um por um para que colocassem sua imagem-carta-legado e assim cumprisse o ritual de transmissão.

Foi um ritual de responsabilidade e amor às próximas gerações: uma confissão de crença no futuro da Terapia Familiar.

Encerramos convidando nosso presidente Marcos Naime Pontes a receber esse legado e transmiti-lo simbolicamente. O grupo adorou e nomeou o ritual como a cápsula do tempo. Todos juntos unimos forças para construirmos o presente com solidariedade e congregação e assim chegarmos ao futuro da Terapia Familiar Brasileira.

### **Os legados da cápsula do tempo**

A imagem que mobilizou mais pessoas (nove escolhas) foi a da porteira aberta no meio de um caminho arborizado, que para mim dava uma sensação de possibilidade de prosseguir, de passagem aberta para ir além. Algo que ao invés de impedir, interditar, se abria e era um convite para continuar. Ao fazer essa foto lembro-me da sensação de poder continuar minha caminhada e fazer novas descobertas!

Esse seria um legado que adoraria deixar: A curiosidade para prosseguir!

As vozes que foram despertadas:

1- *“Eu quero deixar para meus herdeiros abertura e ampliação”*

2- *“Quero deixar a coragem de arriscar.*

*Confiança de abrir o coração. Coragem”*

3- *“Liberdade de pensar, refletir e questionar.*

*Desafiar sempre seus limites para criar ou inovar”.*

4- *“Caminhos abertos para serem trilhados pelos que virão depois de nós”.*

5- *“Esperança e sequência no caminho da Terapia Familiar.*

6- *“Diversidade. Espontaneidade.*

*Quero deixar aos meus sucessores o reconhecimento da diversidade humana como possibilidade na construção afetiva familiar. Assim como a espontaneidade criativa na atuação profissional”.*

7- *“Abra suas portas e deixe entrar o novo”*

8- *“Seja uma metamorfose ambulante.*

*Abertura para aprender.*

*Olhe sempre para o outro.*

*Inverta de lugar com seus clientes (os casais ou famílias).*

*Seja humilde, as famílias tem muitos saberes.*

*Não se cristalice. Seja criativo”.*

9-“♥.→Amor com AFETIVIDADE Usufua sua LIBERDADE com RESPONSABILIDADE

→ Numa cultura de paz”.

A segunda imagem que despertou mais pessoas (oito escolhas) foi do túnel escuro que se abria para uma paisagem com água, montanhas e uma pessoa carregando a bicicleta. Para mim era uma passagem do escuro estreito para um espaço iluminado, amplo e de liberdade, por essa reflexão que o fotografei e adoraria deixar esse legado para as próximas gerações.

O que nossos colegas escreveram?

1- “Autodoação e amor.

Só se doa quem ama. Só ama quem é capaz de se doar”.

2- “Deixo a vontade de construir um mundo melhor em que possamos compartilhar mais coletivamente as possibilidades inventivas”.

3- “Paixão, determinação, não desistir, insistência, inclusão”.

4- “Desejo de continuar ajudando a conquistar mais paz, saúde e liberdade para todas as relações familiares.

Cultura à paz e que a Terapia Familiar consiga abarcar toda a sociedade, contribuindo para um mundo melhor, com amor.

Sabedoria para administrar as relações e buscar o encontro com o outro”.

5- Não vá aonde todos vão, só por ir. Pense sempre “para que? e responda a esta pergunta. Daí se você quiser: avance”.

6- “A ação construída junto ao grupo familiar”.

7- “Ousadia para buscar e fazer o diferente.

Compartilhar sempre!

Responsabilidade, humildade, respeito mútuo”

8- “Quero deixar a Esperança de encontrar uma luz e uma praia no fim do túnel.

Crença na capacidade de crescimento do outro.

Esperança”.

A imagem que teve (cinco escolhas) foi retirada do logotipo que fizemos para o VI Congresso Brasileiro de Terapia Familiar, em São Paulo, e representa um

conjunto de viadutos sobre os rios Tietê e Pinheiros que denominamos Cebolão. Quando a escolhemos para o Congresso queríamos falar do entrelaçamento da Terapia Familiar com vários campos do saber e do desejo de circular, congregar e entrelaçar as várias instâncias da sociedade através de nossas reflexões e conversas.

Penso que para mim é um grande legado a ser deixado.

O que nossos colegas escreveram:

1- *“Conhecimento de si e múltiplos caminhos a serem percorridos que nos LEVAM AOS AFETOS... CRISE... E SUPERAÇÃO”.*

2- *Entrelaçamento de caminhos, diversidade, pluralidade, possibilidades com esforço.*

3- *“Eu gostaria de deixar de legado: espaço para todos os diferentes, justos, livres e fortes.*

*Estrutura organizada para a paz e criatividade.”*

4- *“Múltiplos caminhos levam a múltiplas possibilidades”.*

5- *“Nos percursos de nossas vidas, constantemente se apresentam vários caminhos e entre eles devemos decidir por onde seguir. Pare, prepare-se, pense, decida e caminhe. Não se obrigue a acertar sempre e enfrente todas as consequências de sua escolha, boas ou ruins e tenha a grandeza de aprender com cada movimento/ passo. Viva a vida”.*

Várias imagens foram escolhidas quatro vezes cada uma.

A foto que tirei da porteira fechada, que me interditava no prosseguimento da caminhada, um limite que não me permitia ir além, mas que incitava minha curiosidade e vontade de não obedecer.

Talvez também estes sejam legados interessantes... aceitar os limites, porém avaliá-los para descobrir se não devemos insistir e ir além...

Vamos ouvir:

1- *“Aceite os desafios, lute com responsabilidade, amor e dedicação no exercício terapêutico”.*

2- *“A abertura criativa necessária para estar com a família em seu sofrimento”.*

3- *“A consciência da importância do conhecimento do outro. A humildade para aprender sempre, pois o importante não é chegar, é o caminhar”.*

4- *“Era uma vez uma menina que abria porteiros... que estavam aparentemente fechadas! Busque a abertura de porteiros aparentemente fechadas!”.*

Uma imagem particularmente tocante para mim, a da ponte de madeira esburacada seguindo por uma estrada de terra reta... a perder de vista com um homem caminhando... Mato Grosso eu e meu marido em uma estrada sem ninguém, percorrendo o Pantanal com seus desafios, belezas, isolamento e a motivação de vencer os obstáculos.

A meta não era chegar e sim percorrer. Lindo legado para quem virá depois de nós...

O que essa imagem despertou:

1- *“Dificuldades existem, sempre. E, grandes. Por maiores que sejam, soluções existem. Mãos à obra! Amor com amor se paga. Amor ao outro, amor a nós mesmos. Com amor as dificuldades diminuem de tamanho e força e são vencidas”.*

2- *“Dedicação responsiva ao ofício Terapêutico”.*

3- *“Deixo para os futuros terapeutas a determinação de unir as diferenças, transpor os desafios, chegar ao outro lado e não temer ser criativo.*

*Não temam cometer erros - erros são acertos – mas procurem cometer erros novos, o que representa que não são meros replicadores.*

*Não se assustem com o desconhecido – é um espaço apenas a ser conhecido e desvendado.*

*Aprendam e esqueçam todas as teorias quando estiverem frente ao outro.*

*Acolham suas histórias e troquem a sabedoria de suas experiências e diferenças. VIVAM”.*

4- *“Enfrentar desafios*

*Coragem e persistência*

*Alma curiosa cheia de ternura*

*Percorrendo os caminhos e atravessando as pontes”.*

Novamente com quatro escolhas temos um caminho que me encantou pela luz dourada do outono. Sentindo-me pessoalmente no outono da vida, com as folhas douradas caindo para adubar o solo... tive o movimento de fotografá-lo.

As vozes do grupo:

1- *“Plante ideias através de um LIVRO, produza conhecimento.*

*Seja um exemplo não para ser seguido, mas para ser lembrado com orgulho e saudade”.*

2- *“Navegar é preciso, viver não é preciso.*

*Busque sempre a mudança não se acomode, mexa se lute pelo que você acredita”.*

3- *“Eu deixo para os próximos terapeutas a minha paixão pela sistêmica, a qual me propiciou enxergar a vida e o viver de forma inusitada, pois as possibilidades passaram a ser identificadas, e então um novo ser surgiu, com luz e beleza. E, a narrativa de dor e sofrimento já não teve espaço, apenas esperança para si, para o outro e para o mundo”.*

4- *“Faça do seu caminho um BOSQUE ENCANTADO CORAGEM E MUITAS DESCOBERTAS! CAMINHE SEMPRE PARA SE ENCONTRAR”!*

Por último, também com quatro escolhas temos uma escadaria de pedras irregulares, com degraus baixos e largos, com seu corrimão de madeira clara, envernizado, me levando a pensar na segurança de subi-la passo a passo, indo para o alto com uma orientação segura:

Vejamos os legados inspirados por essa imagem:

1- *“Busque e ame ouvir a si mesmo dentro de sua história, e ver o outro principalmente com o coração, depois com o conhecimento e experiência”.*

2- *“Experiência e conhecimento.*

*Amor à profissão de Terapeuta Familiar”.*

3- *“Trabalhe em equipe, apóie e busque apoio sempre. Ame o que você faz, ame seu colega, abra espaço, viva o que aprende nos livros, nada terá sentido se você não aplicar em sua vida.*

*Não escolha a competição escolha a cooperação, todo mundo tem seu lugar. Seja humilde, respeite e reverencie quem veio antes de você, mas não desacredite de suas capacidades e inove, busque somar e não dividir.*

*Pare de reclamar, veja a maravilha que você tem na mão. O dom que recebeu e escolheu deve mudar a ordem das coisas, não tenha medo do caos, mudar faz bagunça, mas também traz satisfação!”*

4- *“Suba, conquistaste sempre!*

*Vá em frente!!*

*Com amor!!!”*

Em seguida temos a imagem de um caminho que se bifurca ao fundo, mas antes vence um obstáculo (ou uma amputação) de um velho e enorme tronco cortado (duas escolhas). Ao vê-lo pensei em quantos cortes fazemos para prosseguir a caminhada e foi o tronco cortado e deixado de lado que me levou

a fotografar esse caminho.

As reflexões que surgiram:

1- *“Viver e não ter a vergonha de ser feliz (Arriscar e ouvir as vozes interiores).*

*Doce ou atroz manso ou feroz, eu caçador de mim (Trabalhar a família de origem que há dentro de nós)”.*

2- *“Espontaneidade  
Simplicidade”.*

Na próxima imagem (duas escolhas) nos deparamos com nova bifurcação, o caminho da direita parece mais ensolarado e convidativo. No momento que fotografei me sentia realmente dividida! O da esquerda era mais escondido, menos iluminado e iniciava-se com uma curva e um declive que aguçou meu desejo de descoberta. O que se oferece mais pronto nem sempre é o mais significativo. Gosto desse legado!

Vamos ouvir:

1- *“Não trilhe o caminho dos outros.*

*Seja diferente.*

*Seja original.*

*Percorra o caminho menos viajado”.*

2- *“Aguentar dúvidas, não precisar ter certezas!*

*Flexibilidade para ousar”.*

Vamos terminar com duas imagens que não foram fotografadas por mim, e que receberam somente uma escolha cada uma.

A primeira é a imagem de uma faixa de segurança com inúmeros pedestres atravessando. As pessoas foram fotografadas só da altura das pernas para baixo: paisagem urbana, homens e mulheres apressados, parecem que sabem para aonde vão. Escolhi pela força de seus passos, determinação e anonimato.

Vamos ouvir:

1- *“Construir um mundo melhor para Todos!*

*Inclusive e especialmente para quem não tem família.*

**FAMILIA É MAIS QUE LAÇOS CO-SANGUINEOS É QUEM ESCOLHO  
PARA AMAR**

**PODEMOS AJUDAR QUEM PRECISA/PROCURA AJUDA PARA REFLETIR  
SOBRE SUAS ESCOLHAS NA VIDA.**

*Nossos pés nos levam por uma faixa de segurança”.*

Para encerrar, a imagem urbana de uma avenida congestionada por ônibus, peruas e carros velhos junto a uma multidão se movimentando. Eu a escolhi pela sensação de vida explodindo, possibilidades acontecendo, todos tentando improvisar para continuar a viver numa grande massa pulsante, e a sensação para mim de uma enorme dificuldade de sentir-se um indivíduo.

*O legado oferecido pelo colega que a escolheu:*

*“Continue seu caminho na busca da Diferenciação e do encontro na multidão”.*

Duas imagens não foram escolhidas por ninguém: a do ciclista que para mim significava o esforço, a liberdade e autonomia, e a do tronco cortado que abria um caminho, que ao fotografá-la me trouxe a emoção das perdas impostas para continuar o caminhar...

### **Nossa escuta**

Ao ouvir as vozes dos nossos colegas, sentimos uma alegria enorme ao perceber que os legados deixados falavam de uma postura frente à vida, dos valores de respeito e legitimação do ser humano, de uma ética relacional voltada para a horizontalidade nas relações. A ênfase foi no desenvolvimento da pessoa do terapeuta e na crença que sem o encontro humano a postura técnico-científica perde sua legitimidade para cuidar do que é humano!

Não foi esquecida a importância do aprendizado da Terapia Familiar e este veio como processo aliado ao autoconhecimento e à ética relacional baseada na compreensão de que o outro é igual a mim em suas necessidades e diferente de mim em sua singularidade.

Pensamos que o legado maior que foi deixado na “cápsula do tempo” é o cuidado com nossa própria humanidade.

### **Últimas reflexões**

Acreditamos que trabalhos grupais como esse buscam construir espaços relacionais privilegiados, para desenvolver uma co-autoria entre todos os envolvidos, que possibilite viver a crença de que na dança dialógica de contar e ouvir nossas próprias histórias e as dos outros, todas legitimadas, afetamos e



somos afetados por essas vivências, nos desenvolvendo em nossa humanidade, compreendida aqui como uma expansão da parceria e da reciprocidade.

Nossa proposta para nós terapeutas (Colombo, 2009) é a de que em primeiro lugar nos apresentemos cada vez mais para nós mesmos, através da consciência e instrumentalização da autoreferência, e de que toda distinção que fizermos seja fruto das ressonâncias acordadas em algum ponto de interseção com o outro, pertencendo assim a todos os envolvidos. Em segundo lugar que possamos abrir mão do poder sobre o outro, nos mantendo num lugar de colaboração e respeito, acreditando na relatividade de nosso saber e de nossa presença. Em terceiro lugar, que tenhamos recursos para trabalhar com nossas forças de fusão e de diferenciação, em nossas histórias relacionais, para que possamos oferecê-los em um encontro terapêutico respeitoso, colaborador e ampliador.

Penso que poderíamos viver mais em águas profundas que nos convidam a mergulhar e menos com os ventos que sopram em várias direções e nos distraem de nós mesmos com seus movimentos.

Workshops que cuidam do cuidador convidam a esse mergulho e assim podem criar um espaço protegido para o terapeuta, como ser humano ter a oportunidade de dar testemunho de suas vivências e testemunhar a dos colegas, respondendo à nossa necessidade humana de dar nome e significado às experiências e assim construir uma coerência histórica, e um pertencimento a uma rede de conversas e reflexões.

Tenho convicção de que ao criarmos espaços para acolher a humanidade do terapeuta contribuimos de forma especialmente importante para o aprimoramento do fazer terapêutico e o desenvolvimento da pessoa do terapeuta.

Como diz Guimarães Rosa

“Só se pode viver perto do outro e conhecer outra pessoa sem perigo de ódio se a gente tem amor. Qualquer amor já é um pouquinho de saúde, um descanso na loucura” (1969, p. 53).

## Referências

- Colombo, S. F. & Vitale, M. A. (2001). Memória familiar: Lembranças e esquecimentos. In M. Grandesso, (org.) *Terapia e Justiça Social respostas éticas e questões de dor em terapia* (pp. 65-73). São Paulo: APTF.
- Colombo, S. F. (2000). Em busca do sagrado. In H. M. Cruz (org.) *Papai, mamãe,*

- you and me?* (pp. 169-188). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Colombo, S. F. (2006). O papel do terapeuta em terapia familiar: Uma ética relacional. In M. E. Valle & L. C. Osório, (org.). *Manual de terapia familiar* (pp. 443-461). Porto Alegre: Artmed.
- Colombo, S. F. (2009). Ainda em busca do sagrado. In M. N. Pontes (org.) *Construção pela vivência em terapia familiar* (pp. 455-466). São Paulo: Roca.
- Elkaïm, M. (1988). Formações e práticas em terapia familiar. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Guimarães, R. J. (1969). Grandes sertões: Veredas. In M. Bassiliat, *Fim de rumo, terras altas, Urucua: ensaio fotográfico*. São Paulo: Brunner.
- Japur, M. (2007). Sobre um eu que também é você. *Nova Perspectiva Sistêmica, ano XIV, 27*, 9-19 ITF-RJ: NOOS, Familiaie.
- Manguel, A. (2001). *Lendo imagens*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Minuchin, S. & Fishman, H. C. (1990). Técnicas de terapia familiar. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Moreno, J. L. (1978). *Psicodrama*. São Paulo: Cultrix.
- Safra, G. (1999). *A face estética do self: Teoria e clínica*. São Paulo: Unimasco.
- Watzlawick, P., Beavin, J. H. & Jackson, D. D. (1993). *Pragmática da comunicação humana*. São Paulo: Cultrix.

**Endereço para correspondência**

sandrafc60@gmail.com

Enviado em 10/12/2013

1ª revisão em 12/03/2014

Aceito em 22/04/2014